

Russell P. Shedd, *A Solidariedade da Raça: O Homem em Adão e em Cristo* (São Paulo: Vida Nova, 1995); original em inglês *Man in Community* (Grand Rapids: Eerdmans, 1964); trad. Márcio L. Redondo. 195 pp.

Esse livro foi originalmente a tese de doutorado do autor apresentada na Universidade de Edimburgo, na Escócia, em 1958, e posteriormente publicada sob a forma de livro nos Estados Unidos com o título *Man in Community* ("Homem em Comunidade", 1964). E agora, traduzida para o português, chegou ao Brasil em 1995. Apesar de haverem decorrido 37 anos desde a tese, e 31 desde sua publicação nos Estados Unidos, assume-se que a obra representa o pensamento atual do seu autor, desde que foi revisada, editada e publicada em 1995, em português, sob a sua orientação.

A tese defendida pelo autor é que "Paulo aplica conceitos hebraicos da solidariedade da raça ou grupo na esfera das doutrinas básicas, especialmente a antropologia, a soteriologia e a eclesiologia" (p. 188). Em outras palavras, Dr. Shedd deseja demonstrar que o ensino de Paulo sobre o homem, a salvação e a igreja se entende melhor do ponto de vista do antigo conceito hebraico de "personalidade coletiva" que se encontra nas Escrituras do Antigo Testamento e nos escritos rabínicos.

O livro é dividido em duas partes. Na primeira, o autor lança os fundamentos da sua tese: uma pesquisa mesmo que rápida no Antigo Testamento e nos escritos rabínicos antigos mostrará que os judeus se entendiam como uma "personalidade coletiva", ou seja, uma comunidade onde o indivíduo sempre se entende (e o mundo ao seu redor) à luz do fato que pertence a um grupo. Na segunda parte o autor mostra como esta consciência se percebe no pensamento do judeu Paulo, à medida em que ele, como apóstolo de Cristo, lança os fundamentos da doutrina do homem, da salvação e da igreja.

A primeira parte de *A Solidariedade da Raça* é composta de dois capítulos. Na primeira, Dr. Shedd faz uma pesquisa nas páginas do Antigo Testamento para apresentar "os aspectos do conceito hebraico de solidariedade que, de modo geral, referem-se exclusivamente à Israel" (p. 15). O motivo para esta pesquisa inicial é que, para Dr. Shedd, o âmbito do pensamento de Paulo é o Antigo Testamento e as fontes judaicas (p.5). O autor, portanto, alinha-se ao número crescente de estudiosos de Paulo que entendem que o *background* do seu pensamento é o Antigo Testamento e o Judaísmo rabínico do Segundo Templo, e não o mundo e o pensamento helênicos (apesar do apóstolo estar familiarizado com eles).

Dr. Shedd introduz neste capítulo o conceito de "personalidade coletiva" (H. W. Robinson) que expressa a consciência do povo hebreu de ser uma única personalidade comunitária, e examina quatro aspectos gerais desse conceito hebraico de unidade coletiva do grupo:

- a) o aspecto do *prolongamento pessoal do grupo*, através da identificação da família com o ancestral, do conceito hebraico de nome, e do conceito hebraico de família;
- b) as *implicações da extensão coletiva no castigo e na bênção* (exemplificados na rebelião de Coré e no pecado de Acã), a bênção estendida a gerações posteriores, e as implicações da extensão coletiva da aliança;
- c) o aspecto do *realismo da solidariedade do povo hebreu* (a solidariedade da sociedade é algo real e concreto, não figurado). A esta categoria pertence a idéia da *totalidade da*

vida, que se expressava na sociedade hebraica pela representação realística do governante nacional, do sacerdote, de uma única tribo em lugar da nação, de um intercessor justo, de um mensageiro, do "gô'el" ("vingador", "resgatador"), da implicação da comunidade no pecado de um de seus membros, da bênção coletiva em face da obediência de um único membro, e da vítima sacrificial, que levava a culpa de toda a comunidade;

d) o aspecto da *oscilação*, que era "uma característica do processo do pensamento hebraico que permitia que a pessoa concebesse o indivíduo como a corporificação do grupo e o grupo como o indivíduo" (p.46).

Dr. Shedd conclui o capítulo afirmando que "o antigo conceito hebraico de solidariedade ... não resultava de imposição externa, mas alicerçava-se primordialmente no *condicionamento psicológico do israelita no período do Antigo Testamento*" (p. 48, minha ênfase). Ao meu ver, essa não é uma implicação que possa ser inferida da pesquisa feita no capítulo, pois Dr. Shedd limitou-se a *constatar* a presença da consciência coletiva do povo de Israel, e não procurou *traçar a sua origem*. E a implicação parece ainda contradizer afirmações do autor neste mesmo capítulo que colocam a *aliança* como aquilo que "sustentava e intermediava o conceito veterotestamentário da unidade coletiva da nação" e "a aliança servia de estrutura externa dentro da qual a unidade genérica da nação subsistia" (p. 30). Estas declarações parecem dizer que a *aliança* era o fator externo que fazia com que o condicionamento psicológico dos israelitas diferisse do condicionamento psicológico dos povos pagãos ao seu redor, ao ponto de servir de alicerce para o conceito de solidariedade da nação.

Creio que a pesquisa feita neste capítulo poderia ter sido mais enriquecida se aqui e ali o autor relacionasse seus achados com a consciência social das nações ao redor de Israel, para que ficasse claro ao leitor quais os elementos da "personalidade coletiva" que eram distintamente hebraicos (e suas implicações para Paulo), e quais eram comuns aos povos orientais daquela região e época.

No capítulo dois Dr. Shedd nos oferece uma investigação detalhada sobre os conceitos de solidariedade da raça humana nas fontes literárias normalmente usadas para se reconstruir o pensamento rabínico durante o judaísmo antigo (período entre o retorno do cativo e a queda de Jerusalém em 70 A.D.). O motivo para esta reconstrução é a convicção de Dr. Shedd de que "a criação e a formação pré-cristãs de Paulo... [haviam] estado nas mãos do farisaísmo rabínico" (p. 49). As principais fontes examinadas são o *Talmude*, o *Midrash* e a *Mishna*; outras fontes são citadas, como os manuscritos do Mar Morto, Filo, Flávio Josefo, os apócrifos e os pseudepígrafos. Partindo especialmente do *Talmude* e do *Midrash*, Dr. Shedd procura demonstrar os seguintes pontos:

a) Nestas fontes se encontra refletida a autoconsciência judaica em relação à solidariedade de Israel;

b) Também o conceito da incorporação de gentios na nação de Israel (requerendo circuncisão, batismo e sacrifício) e o conceito do vínculo orgânico da nação (alicerçado na aliança). O capítulo se concentra especialmente em analisar as implicações da unidade e do vínculo da nação na solidariedade de Israel que se encontram nestas fontes. Dr. Shedd aponta algumas delas: o acesso de todo o Israel ao *Zakut* (mérito) dos patriarcas; o valor expiatório do sofrimento de mártires justos; e a implicação coletiva de Israel no pecado ou no demérito de um membro.

c) O capítulo ainda aborda as idéias judaicas acerca da solidariedade da espécie humana (e não somente da nação), o que inclui uma discussão sobre a solidariedade da raça humana no pecado, a origem e a solução para o pecado universal.

A conclusão do autor é que apesar do relacionamento consciente com as idéias do Antigo Testamento, as fontes refletem modificações dos rabinos quanto ao conceito da solidariedade da nação, e surge uma maior ênfase na solidariedade da espécie humana.

A relevância dos resultados da pesquisa deste capítulo (em si bastante esclarecedores) como evidência do pensamento do Judaísmo na época de Paulo fica prejudicada pela falta de qualquer qualificação da parte de Dr. Shedd quanto às fontes rabínicas utilizadas. Percebe-se neste capítulo um procedimento bastante popular em estudos comparativos da literatura rabínica antiga com a literatura do Novo Testamento, que é tomar o *Midrash*, o *Talmude* e a *Mishna*, escritos somente após o século III A.D. (portanto, mais de duzentos anos após Paulo) como sendo fontes confiáveis e fidedignas do pensamento rabínico do período do Novo Testamento. Há vários motivos que deveriam impedir o estudioso do Novo Testamento de usar estas fontes sem maiores qualificações, em que pese a rigidez da tradição oral dos judeus:

a) A falta de precisão das *atribuições* nestas fontes de vários ditos a rabinos que viveram séculos antes delas terem sido escritas;

b) A falta de certeza quanto aos *textos originais* destas fontes. Existem inúmeras variantes nos textos judaicos antigos, e não temos, até onde sei, uma edição dos textos rabínicos com aparato crítico dos mesmos. Neste ponto, a crítica textual do Velho e do Novo Testamento está muito mais avançada; é de espantar que exegetas, que são tão sofisticados em seu tratamento do texto do Novo Testamento, aceitem sem qualquer crítica os textos rabínicos, que passaram por edições, resenhas e sofreram alterações através dos séculos.

c) Não se pode afirmar com plena certeza que o pensamento rabínico refletido nestes documentos é exatamente o mesmo dos rabinos da época de Paulo. Entre estas duas gerações de rabinos aconteceram dois eventos de extrema importância para o Judaísmo antigo, que foi a destruição do Templo em 70 A.D. e a extinção de Israel como nação em 135 A.D., após a revolta de Bar Cochba. O pensamento rabínico certamente foi influenciado pelas implicações teológicas destes dois acontecimentos. E não podemos omitir a probabilidade de que foi também influenciado pelas correntes filosóficas e teológicas que, por sua vez, influenciaram a própria Igreja.

Assim, no meu entender, este capítulo pode apenas provar que nestas fontes se encontra refletido o conceito modificado da solidariedade da nação. Fica difícil provar que era o mesmo pensamento vigente do rabinismo na época de Paulo, e mais ainda que Paulo o havia absorvido em alguma medida. O capítulo assim fica aberto à crítica de anacronismo.

Na segunda parte do livro, Dr. Shedd procura analisar o pensamento de Paulo à luz dos resultados de sua pesquisa na primeira parte. O capítulo três procura demonstrar que as raízes do pensamento do apóstolo sobre a unidade da raça humana se encontram no solo judaico, e não no gnosticismo, no estoicismo e nas religiões de mistério tão populares na época de Paulo. Dr. Shedd analisa em seguida alguns aspectos da pregação paulina:

a) Os fundamentos do conceito da solidariedade humana que aparecem nas cartas de

Paulo, que são a unidade de Deus e a origem da humanidade a partir de um único ancestral;

b) Isto se reflete também no ensino de Paulo sobre o caráter representativo de Adão e da personalidade coletiva da raça em Adão.

c) E finalmente, o autor trata das implicações do juízo coletivo de Adão e do envolvimento racial no velho "eão" (*aión*, grego = época, mundo, ordem). Paulo, segundo Dr. Shedd, partindo do conceito hebraico de solidariedade da nação, vê toda a humanidade sob este mesmo prisma. A referência mais explícita a este ponto não se encontra nas cartas de Paulo, mas em seu discurso no Areópago, registrado em Atos 17.28-29 (p. 97).

O objetivo do autor neste capítulo é "deslindar três linhas de pensamentos diferentes que, com toda certeza, não se distinguem com clareza na mente de Paulo":

a) Adão como o pai da raça;

b) o papel de Adão como representante realístico da raça;

c) uma combinação das duas idéias acima, acrescentadas da solidariedade horizontal do homem sob o pecado, unido em oposição a Deus.

No capítulo quatro, o mais extenso e denso do livro, Dr. Shedd se propõe a "estabelecer a relação entre o ensino paulino plenamente desenvolvido sobre a natureza da constituição da igreja mediante a união com Cristo e o pano de fundo representado pelo pensamento e pela expectativa do Antigo Testamento e do judaísmo antigo" (p. 123). Ele desenvolve este ponto abordando os seguintes temas:

a) *A igreja como o verdadeiro Israel de Deus.* Dr. Shedd apresenta várias provas diretas dos escritos de Paulo de que, para o apóstolo, a igreja ". . . havia ocupado a posição que o Israel segundo a carne havia perdido" (p. 124), incluindo as referências à Igreja como sendo o Israel de Deus, a metáfora ampliada da oliveira em Romanos 11. Em seguida, enumera algumas provas indiretas, expressões que Paulo usa em relação à Igreja que, de forma consciente ou não, revelam o vínculo entre a igreja e o povo da aliança: a igreja como *ekklesia* de Deus, como "o povo de Deus", como "os eleitos", como "os filhos de Deus" e a extensão total de toda a Igreja na assembléia local. Dr. Shedd conclui que todos os atributos de "personalidade coletiva" são aplicados por Paulo à Igreja com o mesmo rigor com que foram aplicados a Israel.

b) *Os elementos da formulação da doutrina paulina acerca da igreja como o novo Israel.* Aqui Dr. Shedd aborda as "pressuposições sobre as quais Paulo elabora sua doutrina da Igreja como o Novo Israel totalmente à parte do intrincado ritual de iniciação exigido dos prosélitos gentios ao se tornarem judeus" (p. 132). São elas: Jesus Cristo como o "verdadeiro Isaí"; Jesus Cristo é o Messias da comunidade escatológica; Jesus Cristo como o Filho do Homem; como o "Servo do Senhor" e como o "Sumo Sacerdote do Novo Israel". Para Dr. Shedd, fica claro desta pesquisa que Jesus Cristo é entendido por Paulo como sendo o representante realístico do novo Israel.

c) *A solidariedade da Igreja como a nova humanidade.* Dr. Shedd aqui defende a idéia de que para Paulo a igreja é a nova humanidade mediante a sua identificação com o último Adão, que é Cristo. Ele aborda o conceito paulino de Cristo no papel de último Adão,

enfocando o papel representativo do último Adão, e a implicação da nova humanidade na natureza do último Adão. Esta implicação traz vida eterna no presente, a participação no Espírito Santo e na ressurreição futura.

d) *O último homem e o corpo de Cristo*. Aqui Dr. Shedd se propõe a examinar a natureza da solidariedade pela qual a nova humanidade une-se a Cristo. O conceito de "corpo" nas cartas de Paulo é examinado. Ainda nesta seção, Dr. Shedd volta sua atenção para as "implicações cósmicas da tipologia paulina acerca de Adão" (p.158) para os conceitos paulinos acerca do pecado, da carne, da morte, da lei, das forças espirituais hostis.

e) *Figuras metafóricas que representam a solidariedade da nova raça*. Aqui o autor analisa algumas outras metáforas utilizadas por Paulo para formular seu conceito da solidariedade da igreja: o templo coletivo, a árvore coletiva e a massa de pão.

f) Finalmente, o autor aborda a *incorporação na solidariedade da nova humanidade*, ou seja, os mecanismos pelos quais alguém se torna parte da Igreja como nova humanidade. A tese de Dr. Shedd é que a incorporação de novos membros à igreja tem seu modelo na *iniciação dos estrangeiros na aliança que formava o Israel étnico*. Ou seja, o batismo cristão tem sua origem no batismo de prosélitos praticado pelo judaísmo antigo (e não na circuncisão praticada por Israel). O meio de inclusão, diz Dr. Shedd é *a fé e o batismo*. Após uma discussão do conceito paulino de fé e do batismo como meio externo de identificação com Cristo, o autor conclui que ambos são inseparáveis (não pode haver batismo sem fé) e que o âmago da fé-batismo no conceito de Paulo é uma experimentação real da morte e da ressurreição de Cristo. Segue-se uma discussão sobre a eucaristia como comunhão comunitária, cujo duplo propósito é "produzir uma percepção da solidariedade dos membros dentro do corpo, ao mesmo tempo em que produz comunhão com Cristo, o Cabeça do corpo" (p.182).

A conclusão geral do livro é que não há um só conceito ou implicação importante de solidariedade encontrada nas Escrituras do Velho Testamento, e no judaísmo primitivo, que seja omitido nas epístolas de Paulo. E que este conceito de solidariedade é a base das principais doutrinas paulinas, como expiação e redenção (p. 183). Dr. Shedd vai ao ponto de dizer que "Em Paulo, o conceito básico da solidariedade por intermédio da aliança é substituído pela solidariedade mediada por um relacionamento pessoal com o Cristo ressuscitado, que é ele próprio a aliança do novo Israel" (p. 184).

O livro fecha com um apêndice onde Dr. Shedd aborda o conceito paulino da solidariedade de Israel como etnia.

Evidentemente, não se podia esperar que Dr. Shedd produzisse uma obra sobre temas tão cruciais que representasse o consenso dos estudiosos do Novo Testamento no Brasil. Nem todos nós estamos prontos a concordar com ele que a porta para o intrincado edifício da teologia paulina sobre o homem, a salvação, e a igreja, seja o conceito de "personalidade coletiva" ou da solidariedade da raça, como Dr. Shedd conclui. Ele afirma que "toda a antropologia e a soteriologia de Paulo estão construídas sobre os conceitos hebraicos da solidariedade da raça" (p. 101). E na conclusão do livro afirma que a base da doutrina paulina da expiação e redenção é que Cristo "pode representar esse grupo [a igreja], atuando numa personalidade coletiva e agindo como tal" (p. 183). Obviamente, não se pode negar a influência deste conceito na pregação de Paulo, mas nem todos concordariam que é a base e o fundamento da mesma.

O conhecido estudioso holandês Hermann Ridderbos, em seu *clássico Paulus: Ontwerp*

van Zijn Theologie ("Paulo: Um Esboço da sua Teologia") indagou qual seria o aspecto fundamental da pregação do apóstolo que nos habilitaria a entender todos os demais aspectos. Muitas tem sido as respostas no decorrer da história dos estudos paulinos. Lutero, e boa parte da tradição reformada e luterana depois dele, entendia que era a *doutrina da justificação pela fé*. Para o próprio Ridderbos, era o ensino escatológico de Paulo sobre a história da redenção. Ridderbos escrevia em resposta ao conhecido exegeta luterano Rudolf Bultmann, que havia sugerido que a *antropologia* de Paulo era esta porta. Um número crescente de estudiosos do Novo Testamento vem aumentando as fileiras ao lado de Ridderbos, Gerhardus Vos, George Ladd e outros estudiosos evangélicos que mais e mais detectam no ensino de Paulo uma influência determinante do conceito de história escatológico-redentiva. Ou seja, a consciência de que Deus estava, em seus dias, cumprindo as antigas promessas dos profetas. Fica-se com a impressão que Dr. Shedd, mesmo reconhecendo a importância deste aspecto escatológico no pensamento do apóstolo (cf. pp. 110-111), prefere a tese de que a porta de entrada para o pensamento paulino sobre as mais importantes questões teológicas é o conceito de "personalidade coletiva" da sociologia hebraica (o homem em comunidade) refinada pelo pensamento rabínico. Não penso que seu trabalho, conquanto competente, tenha provado este ponto.

Os exegetas calvinistas perceberão que ao tomar como porta de entrada do pensamento de Paulo o axioma da solidariedade da raça, Dr. Shedd termina por minimizar conceitos que lhes são preciosos. Pessoalmente, não posso concordar com sua conclusão que no ensino de Paulo ". . . o conceito básico da solidariedade por intermédio da aliança é substituído pela solidariedade mediada por um relacionamento pessoal com o Cristo ressuscitado, que é ele próprio a aliança do novo Israel" (p. 184). Não creio que Dr. Shedd tenha conseguido provar que a teologia de Paulo é relacional, em detrimento do aspecto pactual (de "pacto, aliança"). O que me parece que ficou provado é que existe uma forte influência do conceito hebraico de solidariedade no pensamento apostólico — que por sua vez, foi moldado pela aliança.

Dr. Shedd parece descartar o conceito de *imputação* da culpa de Adão aos seus descendentes — ou seja, a doutrina do pecado original como entendida pela teologia reformada, cf. p. 117 — e o aspecto forense (jurídico) da *imputação* da justiça de Cristo aos eleitos, outro aspecto igualmente importante na soteriologia reformada (p. 146). Aparentemente, Dr. Shedd é da escola traducionista, que interpreta a culpa da raça humana, e sua redenção, da perspectiva *realista*. Poderíamos admitir que a transmissão da culpa seja vista *realisticamente* (nossa culpa transmitida pelo fato de os homens terem sido considerados numericamente um e o mesmo com Adão em termos de criação) — mas dizer que estamos *realisticamente* em Cristo nos parece difícil, se não impossível, visto que não somos um e o mesmo com Cristo, numericamente. A grande dificuldade dos *traducionistas* (que se aliam aos *realistas*) é explicar como Cristo ficou livre da culpa do pecado se ele era um e o mesmo com Adão, já que era um dos membros da raça.

Dr. Shedd descarta o conceito de *eleição* (para a salvação) individual e opta pelo conceito de "eleição coletiva" — Deus não escolheu indivíduos, mas a *igreja*. E surpreendentemente, Dr. Shedd confirma este ponto com uma citação do bispo luterano liberal Krister Stendhal (p. 129).

Uma observação final é que Dr. Shedd deixou de fora, em seu tratamento da teologia paulina do batismo, a questão do batismo de crianças. Entendo que o tema mereceria ao menos ser citado, já que os filhos dos judeus participavam, desde a mais tenra idade, em todos os ritos do Antigo Testamento que refletiam o conceito de solidariedade da nação (principalmente a circuncisão, que era o rito de iniciação na comunidade, e selo da justiça

da fé, cf. Rm 4.11). Não penso que optando por falar do batismo cristão como tendo origem no batismo dos prosélitos no Judaísmo (uma tese prejudicada pelo fato de que este ritual se encontra na literatura judaica produzida após o século III) evita-se o problema, pois é bastante provável que os prosélitos eram recebidos juntamente com suas famílias, incluindo seus filhos. Passagens onde Paulo vê a circuncisão estabelecida por Deus no Antigo Testamento como tendo legítima continuidade na igreja e nos cristãos sugerem que, muito mais que o *batismo* de prosélitos praticados pelos rabinos, a *circuncisão* era o modelo do batismo cristão como rito iniciatório (cf. Cl 2.11-12; Fp 3.3).

Essas observações críticas não alteram o fato de que *A Solidariedade da Raça* é uma importante fonte para os estudos paulinos no Brasil. A originalidade do tema na língua portuguesa, bem como a conhecida competência de Dr. Russell Shedd como estudioso do Novo Testamento tornam esta obra uma referência indispensável a todos os estudiosos de Paulo que desejam familiarizar-se com uma abordagem batista conservadora sobre a antropologia, soteriologia e eclesiologia do apóstolo. Dr. Shedd escreve como um erudito comprometido com a inspiração e a autoridade das Escrituras, uma combinação nem sempre fácil de achar. Somos gratos a ele pela ênfase ao aspecto corporativo da teologia paulina, que é freqüentemente obscurecido pela ênfase individualista da nossa sociedade ocidental.

— Augustus N. Lopes